

POÉTICA GÓTICA E FANATISMO RELIGIOSO: UMA LEITURA D'O REINO ENCANTADO, DE ARARIPE JÚNIOR

Hélder Brinate CASTRO¹

RESUMO: A poética gótica é, antes de tudo, um fenômeno moderno. Nascida na Inglaterra durante o Iluminismo, fomentando sentimentos de assombro e terror, projetou-se para outros países e épocas. Na literatura brasileira, alguns *topoi* góticos são encontrados, sobretudo, em obras que se desenvolvem em torno de temáticas rurais/sertanejas. Em *O Reino Encantado: crônica sebastianista*, o narrador atribui, como se analisará neste trabalho, aspectos típicos do vilão gótico às personagens sebastianistas.

PALAVRAS-CHAVE: poética gótica; literatura brasileira; sebastianismo.

1. Vilões góticos em terras brasileiras

Em um primeiro momento, pode parecer incoerente associar a literatura brasileira à gótica. A aparente contradição pauta-se, sobretudo, no fato de nossa crítica literária da primeira metade do século XIX considerar as ambientações e as temáticas da poética gótica exógenas à cultura e ao território nacionais. As florestas tenebrosas, os castelos e casarões arruinados, as colinas e os declives assombrosos, enfim, a atmosfera de mistério e obscuridade das narrativas góticas, seriam, pois, incompatíveis com a natureza do Brasil, considerada solar e deslumbrante. Tal perspectiva ecoa o julgamento literário propagado à época de que havia uma necessária relação entre a literatura, a geografia do país e o temperamento de um povo, como podemos aferir a partir da proposição de Madame de Stäel (1800):

¹Hélder Brinate Castro é graduando em Letras Português/Literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, bolsista de Iniciação Científica, sob orientação do Prof. Dr. Julio França, e membro do Grupo de Pesquisa Estudos do Gótico (CNPq). E-mail: helderbrinate@yahoo.com.br.

POÉTICA GÓTICA E FANATISMO RELIGIOSO: UMA LEITURA D'O REINO
ENCANTADO, DE ARARIPE JÚNIOR

Os poetas do meio-dia combinam sem parar a imagem do frescor, dos bosques frondosos, dos límpidos riachos com todos os sentimentos da vida. Nem os prazeres do coração eles evocam sem com eles combinar a ideia de sombra benfazeja, que deve protegê-los dos ardores impetuosos do sol. Aquela natureza tão vívida que os rodeia desperta neles mais ações que pensamentos. (...). Os povos do norte se ocupam menos com os prazeres do que com a dor, e sua imaginação por isso é mais fecunda. O espetáculo da natureza age fortemente sobre eles; ela age como se mostra naqueles climas, sempre sombria e nebulosa. Sem dúvida, as diversas circunstâncias da vida podem modificar essa disposição para a melancolia; mas ela detém com exclusividade a marca do espírito nacional. (STAËL, 2011, p. 82)

A suposta incoerência da associação entre a poética gótica e a nossa literatura respalda-se ainda na tendência de a historiografia literária brasileira privilegiar o caráter documental em detrimento do imaginativo. Ao explorar eventos sobrenaturais – explicados ou não –, figurações, simbologias e personagens ameaçadoras para a constituição de enredos aterrorizantes, o Gótico se distanciaria da expectativa de arte mimética e documental assumida por nossa crítica tradicional.

Seria, então, insustentável comparar aspectos de obras brasileiras com os de obras góticas? Não existiriam, em nossas Letras, textos com traços da poética gótica? *Noite na Taverna* (1855), de Álvares de Azevedo, com sua temática assombrosa, seria uma manifestação única e isolada?

Caso limitemos nossa compreensão do Gótico a suas formas e fórmulas setecentistas, ou seja, caso o consideremos como um fenômeno literário circunscrito à Inglaterra dos fins do século XVIII e dos inícios do XIX, nossa resposta a essas questões seria, presumidamente, positiva. Ao adotarmos, contudo, a perspectiva que o entende como uma tendência negativa e desiludida do pensamento humano que perpassa a história da literatura e da própria humanidade (cf. PUNTER, 1996, p. ix; STEVENS, 2006, p. 31), isto é, como uma visão de mundo desencantada e pessimista,

POÉTICA GÓTICA E FANATISMO RELIGIOSO: UMA LEITURA D'O REINO
ENCANTADO, DE ARARIPE JÚNIOR

nosso posicionamento quanto às relações entre a poética gótica e a literatura brasileira modifica-se.

É a partir dessa última concepção que podemos reconhecer como alguns *topoi* do Gótico projetaram-se e também se atualizaram, em diversas épocas, em nossa prosa de ficção. As narrativas emolduradas; o fascínio obsessivo pelo passado; o gosto por locais exóticos e tenebrosos, transformados em *loci horribiles*; a representação e o estímulo ao medo, ao horror e ao macabro; o enfoque melodramático na emoção e na sensibilidade em detrimento da razão; a atração por alteridades, pelo sobrenatural e pelo sublime; a ênfase na psicologia degenerada, imoral e pervertida das personagens, principalmente dos vilões (cf. STEVENS, 2006, p. 46-47), são algumas das características da poética gótica que podemos encontrar em obras de parte de nossos autores.

Entre esses aspectos, a presença marcante de vilões góticos monstruosos adquire grande importância, pois, ao figurarem como elos entre as forças malignas e os vícios humanos, desencadeiam grande parte das tensões e dos horrores da narrativa. Representantes de medos, ansiedades, fantasias e desejos de uma época e de um lugar, assumem o papel de transgressores da ordem social. A eles se associam, não raras vezes, os atributos do Outro, isto é, são suas diferenças culturais, políticas, raciais, econômicas, sexuais que constituem seu caráter monstruoso. Seus perfis psicológicos são descritos como obscuros, violentos e pervertidos – traços que se refletem, muitas vezes, em suas compleições deformadas e bestiais. Psicologia e anatomia unem-se assim para configurar a personagem motriz do terror, do horror e da repulsa produzidos pela narrativa.

Sem perder seu caráter fundamental, os vilões góticos vêm passando por modificações ao longo do florescimento de novas estéticas literárias. Nos tradicionais romances góticos do século XVIII, quando as ideias iluministas estavam em seu auge, eles eram representados, em geral, por membros extremamente sórdidos da aristocracia e do clero. Deslocados

POÉTICA GÓTICA E FANATISMO RELIGIOSO: UMA LEITURA D'O REINO
ENCANTADO, DE ARARIPE JÚNIOR

entre os ideais liberais da burguesia e da lógica das Luzes, os aristocratas, como Manfred, de *The Castle of Otranto* (1764), e os clérigos, como Ambrosio, de *The Monk* (1796), simbolizavam o descompasso, a irracionalidade e os perigos do passado feudal em relação à Modernidade.

Ao longo do século XIX, a figura do vilão nos moldes lineares do Gótico setecentista declina. Ambrosio já demonstra essa tendência: mesmo instigado e castigado por Satã, o monge revela-se também vítima da absurda vida monástica. Essa dualidade do vilão monstruoso torna-se mais acentuada nas obras do gótico do período romântico. Internalizando a tensão entre as convenções sociais e as noções de liberdade e individualidade, os protagonistas das narrativas góticas românticas são, concomitantemente, vilões – por transgredirem as normas sociais – e heróis – por se atreverem a violá-las. Heathcliff, de *Wuthering Heights* (1847), ao mesmo tempo em que é diabólico e vingativo, é melancólico, autodestrutivo e obcecado por um amor impossível. Se sua condição patética nos inspira ódio, repulsa e revolta, ela também nos comove e sensibiliza.

Paulatinamente, o século XIX vê o enredo gótico afastando-se do maniqueísmo melodramático. O vilão não é mais a causa do mal, mas apenas um agente: sua eliminação não resulta o reestabelecimento da ordem. “O mundo não é purgado com a morte de Melmoth [de *Melmoth the Wanderer* (1820), de Charles Maturin], porque ele não é a essência do mal” (PUNTER, 1996, p. 128. Tradução nossa). O verdadeiro mal era o despotismo, a corrupção, o preconceito, a fome, as doenças, as hierarquias sociais, as instituições religiosas, o descontrole científico etc. Com as reverberações das teorias científicas de Darwin e dos trabalhos de Lombroso e de Lordeau, consolida-se a ideia de que a natureza humana é, em sua essência, hostil e bestial: o ser humano estava mais próximo do reino animal do que de sua elevada posição na grande cadeia dos seres da tradição judaico-cristã. Ao final do século, é a própria humanidade a raiz de todo o mal; é ela o potencial vilão.

POÉTICA GÓTICA E FANATISMO RELIGIOSO: UMA LEITURA D'O REINO
ENCANTADO, DE ARARIPE JÚNIOR

Se, em nossa literatura, os vilões aos moldes dos romances setecentistas, isto é, autênticos aristocratas e clérigos, são raros, não podemos afirmar o mesmo sobre as outras configurações vilanescas. Nas narrativas brasileiras, em especial nas do século XIX e nas do início do XX, abundam vilões que mesclam aspectos da aristocracia europeia com elementos do patriarcalismo rural ou médio-burguês e vilões que emergem de classes sociais marginalizadas. São frequentes os despóticos senhores de terra e de escravos; os patriarcais e cruéis chefes de família; os escravos e os sertanejos, geralmente, em busca de vingança; e os indivíduos fora-da-lei, como os cangaceiros, os jagunços e os bandidos das cidades.

Franklin Távora, a exemplo, ficcionalizou, em *O Cabeleira* (1876), as atrocidades cometidas pela figura histórica que intitula seu romance. Na narrativa, educado na “escola do crime”, José, o Cabeleira, aprende a torturar e a matar animais para, então, praticar seus crimes contra seres humanos. A brutalidade dessa educação, instruída por seu próprio pai, reflete-se na índole do menino, que, quando adulto, atemorizava a população por onde passava. Era capaz de cometer, sem remorsos, as mais atrozes ações, como assassinar crianças inocentes:

Um tiro cobarde, cruel, assassino atroou os ares. Sangue copioso e quente gotejou como granizo sobre a areia e no mesmo instante o corpo do inocentinho, crivado de bala e chumbo, caindo aos pés de Cabeleira, veio dar-lhe novo testemunho de sua perícia na arte de atirar. (TÁVORA, 1973, p. 50)

O medo gerado na população sertaneja por Cabeleira e seu bando, considerado o germe do cangaço, não ficou apenas circunscritos à prosa de Távora e à existência histórica desses cangaceiros. Mesmo depois da morte de José, as histórias sobre ele assombraram Pernambuco e seus arredores, tornando-o uma figura lendária. Prova disso são os diversos motes sobre esse facínora e a atenção dada a ele por Gilberto Freyre em *Assombrações do Recife Velho*:

POÉTICA GÓTICA E FANATISMO RELIGIOSO: UMA LEITURA D'O REINO
ENCANTADO, DE ARARIPE JÚNIOR

Só o nome - Cabeleira, Cabeleira, Cabeleira! - assombrava. Morrera? Fora enforcado? Fora justicado? Morrera. Fora justicado. Mas quem tinha, como ele, pacto com o Diabo, morto tornava-se assombração. Cabeleira subsistiu para os recifenses como assombração até quase nossos dias. (FREYRE, 1987, p. 48)

Enquanto cruéis bandidos atemorizavam homens de toda uma região e os poderes dos grandes senhores de terra transpassavam os limites de sua propriedade, a opressão fazia-se ainda mais brutal dentro das fronteiras das fazendas: o *ethos* patriarcal e colonial geralmente dilacerava as relações familiares. Na representação literária dos grandes proprietários rurais brasileiros, podemos observar, sobretudo nas narrativas desenvolvidas a partir da segunda metade do século XIX, contornos dos vilões aristocratas góticos. A tirania, a perversidade extrema e os vícios são traços comuns a essas duas categorias de personagens. Os cruéis senhores de terra, subjugando sua casa-grande, configuram-se como típicos vilões góticos em seu próprio covil.

Em “Os negros” (1922), de Monteiro Lobato, a personagem Jonas, atormentada pela atmosfera tétrica de uma casa-grande em ruínas, descreve a infeliz história de amor entre a filha do atroz senhor Aleixo e um empregado deste, Fernão: “[o] amor [...] acabou destruindo a fazenda. Estas ruínas, estas corujas, este morcegal, tudo não passa da florescência de um grande amor...” (LOBATO, 2014, p. 407). A narração ultrapassa, porém, a mera contação de causos sertanejos. Lobato, engenhosamente, torna-a um evento sobrenatural, em que Jonas, possuído pelo espírito de Fernão, dá voz aos trágicos acontecimentos ocorridos na antiga fazenda: eis o retorno fantasmagórico do passado colonial e de toda a sua violência.

Por meio dessa narração preternatural, revela-se o perfil sanguinário do capitão Aleixo. O senhor de engenho era mau “como deve ser [...] o canhoto. Judiava da gente à toa, pelo gosto de judiar.” (LOBATO, 2014, p.

POÉTICA GÓTICA E FANATISMO RELIGIOSO: UMA LEITURA D'O REINO
ENCANTADO, DE ARARIPE JÚNIOR

396). Na passagem em que compra um cão para perseguir os escravos fugidos, podemos perceber o monstruoso gênio do capitão:

[Aleixo] Ergueu os olhos para o terreiro que fulgurava ao sol. Deserto. A escravaria inteira na roça. Mas naquele momento o portão se abriu e um preto velho entrou, cambaio, de jacá ao ombro, rumo ao chiqueiro dos porcos. Era um estropiado do eito que pagava o que comia tratando da criação.

O fazendeiro teve uma ideia. Tirou o cão da corrente e atçou-o contra o preto.

- Pega, Vinagre!

O mastim partiu como bala e instante depois ferrava o pobre velho, dando com ele em terra. Estraçalhando-o...

O fazendeiro sorria com entusiasmo.

- É de primeira - disse ao sujeito. - Dou-lhe cem mil réis pelo Vinagre.

E como o sujeito, assombrado daqueles processos, lamentasse a desgraça do estraçalhado, o capitão fez cara de espanto.

- Ora bolas! Um caco de vida... (LOBATO, 2014, p. 414)

É, contudo, ao descobrir o envolvimento de sua filha, Izabel, com seu empregado, que o senhor de terra evidencia o cruel *ethos* patriarcal presente no interior das casas-grandes. Sob suas ordens, feitores amarram ao tronco e agridem brutalmente Fernão e Liduína, mucama que auxiliava os amantes. Ao recobrar a consciência, o funcionário da fazenda divisa a construção de uma parede: seria emparedado vivo. Assim termina o atormentado Jonas sua misteriosa narração, confirmada e completada pelo negro Bento, que informa a morte de Liduína, o desaparecimento de Fernão, possivelmente morto emparedado, o suposto enlouquecimento de Izabel e a decadência da fazenda após os trágicos eventos.

A julgar pelos exemplos, notamos que, no período em questão, a vilania se faz bastante presente em textos cujos enredos se desenvolvem em regiões rurais, interioranas e/ou sertanejas. Longe de negarmos, nas Letras brasileiras, a existência de representação positiva dos senhores de

POÉTICA GÓTICA E FANATISMO RELIGIOSO: UMA LEITURA D'O REINO
ENCANTADO, DE ARARIPE JÚNIOR

terra e de vilões ao estilo do Gótico em narrativas urbanas, compartilhamos da constatação de Maurício Cesar Menon (2007, p. 82) de que as figurações da poética gótica na literatura brasileira predominam em obras relacionadas ao sertanismo, aos regionalismos e a correntes a eles ligadas.

Prova disso é a propensão de autores finisseculares para fixar os costumes, credices e causos dos sertanejos não apenas como pitorescos e exóticos, mas também como atrozes e hediondos, almejando seduzir o leitor citadino pelo que a população rural possui de desconhecido. Tal prática reforçou a representação do homem do interior como um ser inferior, atrasado e inculto perante o homem civilizado e urbano. Nossos prosadores assumiram “uma atitude contraditória de adesão e repulsa” (LEITE, 1994, p. 686), porque, buscando retratar as tradições rurais que o processo de modernização ameaçava fazer desaparecer, representaram-nas como retrógradas e brucas.

Os elementos elencados nessas narrativas propiciam, assim, o florescimento de histórias capazes de gerar medo artístico. A descrição do ambiente interiorano, focalizado em seus aspectos exóticos – como a sublimidade terrível das florestas – e aversos à vida – como a aridez da caatinga – converte-o, muitas vezes, em *locus horribilis*. A exposição do atraso econômico e da despótica tradição colonial e patriarcal, potenciais ameaças ao desenvolvimento da nação, ganham os contornos da constante gótica do retorno do passado. Por fim, as crenças e superstições locais configuram-se como fontes para narrativas sobrenaturais terríveis.

Muitos dos principais traços do vilão gótico podem, assim, ser identificados em personagens de textos ficcionais regionais, sejam elas os já referidos cangaceiros e senhores de escravos ou os beatos e os seguidores de seitas messiânicas, presentes nas obras de Tristão de Alencar Araripe Júnior e Euclides da Cunha. São justamente as personagens fanáticas do romance *O Reino Encantado: crônica sebastianista* (1878), do prestigiado crítico literário, que nos propomos a analisar para compreender as relações entre a ficcionalização dos membros do movimento messiânico da Pedra

Bonita/Pedra do Reino e os vilões góticos. Antes de nos atermos às projeções do Gótico na narrativa de Araripe Júnior, faz-se necessário traçar algumas características dos movimentos messiânicos, do sebastianismo de Pedra Bonita e da reação da sociedade brasileira a essa seita.

2. Interpretações oitocentistas do messianismo de Pedra Bonita

Para o filósofo e historiador estadunidense Hans Kohn (*apud* QUEIROZ, 2003, p. 32), o messianismo pode resumir-se à “crença na vinda de um redentor que porá fim à ordem presente de coisas, universalmente ou para um só grupo, instituindo neste mundo uma nova ordem de justiça e felicidade”. Associando aspectos sociais, políticos e religiosos, o movimento messiânico nasce como reação a desgraças e injustiças sociais e afirma a esperança numa transformação positiva das condições penosas de existência. Tal mudança aconteceria por meio da subversão da ordem social vigente e seria desencadeada por um messias – uma personagem divina ou histórica – somente quando os membros da seita cumprissem as ordens de seu líder (cf. QUEIROZ, 2003, p. 383).

No caso do movimento de Pedra Bonita, ocorrido em Pernambuco, entre 1836 e 1838, o messias esperado era o rei português D. Sebastião, que desaparecera na batalha de Alcácer-Quibir, na África, em 1578. Daí, a lenda, depois transformada em seita, de que *el-rei* voltaria, trazendo riqueza para seu povo. A crença na ressurreição do rei chegou a terras brasileiras durante a colonização (cf. QUEIROZ, 2003, p. 218) e recebeu influências de tradições indígenas, como a ingestão de bebidas com propriedades alucinógenas durante seus rituais. João Ferreira, um dos líderes da seita, pregava que o reino somente se desencantaria quando ele se casasse com Maria – que deveria, após o casamento, ser sacrificada.

Para agilizar a revelação do reino encantado, dizi a serem necessários sacrifícios humanos voluntários, que ocorreram durante sanguinolentos rituais místicos (cf. LEITE, 1898). O líder sebastianista declarava ainda que

POÉTICA GÓTICA E FANATISMO RELIGIOSO: UMA LEITURA D'O REINO
ENCANTADO, DE ARARIPE JÚNIOR

o retorno de D. Sebastião ocasionaria, definitivamente, a subversão da ordem social: a riqueza dos senhores de terra seria redistribuída entre os pobres e, se as pessoas fossem negras e/ou escravas, tornar-se-iam “alvas como a lua, imortais, ricas e poderosas” (LEITE, 1898, p. 45). A profecia obteve, assim, grande aceitação entre a população local e resultou na morte de mais de cinquenta pessoas.

Ao reconhecer D. Sebastião como o único monarca legítimo e como o enviado divino, os seguidores da Pedra do Reino tornaram-se ameaça à elite local, ao Estado e à Igreja, que extinguiram, violentamente, o movimento. Para se justificarem, as classes dominantes apresentaram os sebastianistas como “fanáticos, isto é, insubmissos religiosos extremados e agressivos” (FACÓ, 2009, p. 9). Prova disso é o modo como os jornais da época noticiaram a desarticulação da seita, cujos membros foram descritos como “[m]alvados feiticeiros absolutistas” (O D. SEBASTIÃO..., 1838, p. 61), loucos, ignorantes e supersticiosos. Em carta publicada no Diário de Pernambuco, em 16 de junho de 1838, o prefeito de Pajeú, Flores, antiga comarca onde se deram os fatos de Pedra Bonita, descreve o líder messiânico João Ferreira como um “homem hostil, péssimo e esquisito”, um “sanguinário tigre” (PAZ, 1838, p. 2).

À época, o Brasil passava por um conturbado momento político – o Período Regencial (1831-1840) –, o que afervorava a discussão sobre qual seria o regime mais adequado para se dirigir o país. Dentro desse contexto, o periódico *O carapuço*, reconhecido por sua veia satírica e crítica, declarou haver impossibilidade de se instituir um regime democrático no Brasil devido à ignorância e à imoralidade de uma população que permitiu ocorrer o sangrento movimento de Pedra Bonita:

CASTRO (UERJ)¹, H. B.

Isto é país em que se possa estabelecer com prosperidade o Governo Democrático? Um país onde acham séquito um caneludo que se aclama o Rei João Antonio, S. Santidade João Ferreira, e logo outro Rei Pedro (...); um país onde a bárbara estupidez chega a ponto das próprias mães entregarem seus filhinhos para serem assassinados (...)? Um país onde há quem dê crédito e siga a um bárbaro estupidíssimo que se aclama Rei coroado de cipó, onde há quem logo case com quantas mulheres lhe parece, estará nas circunstâncias de governar-se Democraticamente? Saberá apreciar e regular a Liberdade um povo em que aparece [sic] tanta estupidez e imoralidade? (O NOVO REINO..., 1838, p. 2)

De grande repercussão e violência, os acontecimentos de Pedra do Reino foram ainda temas de diversos estudos, entre os quais se destaca o opúsculo *Fanatismo Religioso: Memória sobre o Reino Encantado na Comarca de Vila Bela* (1875), de Antonio Attico de Souza Leite, considerado obra pioneira e de referência sobre o assunto. Compartilhando das premissas deterministas em voga na sociedade científica da época, o livro de Leite enfatiza, pejorativamente, o perfil psicológico dos sertanejos sebastianistas: sua natureza ignorante os tornaria propícios à manifestação de loucura e à crença em fantasias profanas. A convicção de que a psicologia dos nordestinos seria degenerada e sua natureza, propensa à loucura teve grande aceitação durante a segunda metade do século XIX e o início do XX. Os estudiosos afirmavam que o messianismo e também o cangaceirismo tinham suas causas em problemas psicológicos dos sertanejos, como declararam Gustavo Barroso, em *Heróis e bandidos* (1917), e Nina Rodrigues, em *As coletividades anormais* (1939). A partir da segunda metade do século XX, a maior parte da crítica refutou essa percepção. Rui Facó, em *Cangaceiros e fanáticos* (1963), e Maria Isaura Pereira de Queiroz, em *O messianismo no Brasil e no mundo* (1965), delegaram às desigualdades sociais e econômicas e às condições climáticas do Nordeste a real causa desses movimentos sociais.

POÉTICA GÓTICA E FANATISMO RELIGIOSO: UMA LEITURA D'O REINO
ENCANTADO, DE ARARIPE JÚNIOR

No juízo crítico da obra de Leite, escrito por Tristão de Alencar Araripe, pai de Araripe Júnior, adotou-se a primeira concepção, defendida ao longo de todo o opúsculo: o movimento de Pedra Bonita seria “fruto da ignorância agitada pela malevolência dos velhacos e perversos” (ARARIPE, 1898, p. 13), do “singular desvio da razão, e dos sentimentos humanos” (ARARIPE, 1898, p. 7).

Foi a partir dessa perspectiva que o sebastianismo de Pedra Bonita foi ficcionalizado por Araripe Júnior no seu romance *O Reino Encantado: crônica sebastianista*, o que permitiu ao narrador delimitar claramente as fronteiras entre o bem e o mal: enquanto a classe senhorial tinha como marca a virtude, os sebastianistas, tais quais os vilões góticos, eram, por natureza, perversos, bárbaros e despóticos. Apesar de não haver dúvidas quanto à violência do movimento, pretendemos avaliar como o discurso hegemônico da época contribuiu, no romance em questão, para aproximar a representação das personagens sebastianistas aos vilões da literatura gótica.

3. Fanáticos e vilões?

Com o enredo ambientado no Brasil imperial dos finais da década de 1830 e afinado com o discurso determinista da segunda metade do século XIX, *O Reino Encantado* apresenta dois núcleos de personagens antagônicos: um senhorial e católico, representante do bem; e outro escravo e sebastianista, representante do mal. Enquanto nos romances góticos setecentistas associam-se, geralmente, aspectos perversos e negativos aos aristocratas, na obra de Araripe Júnior, a eles relacionam-se características virtuosas e positivas. Tal disparidade encontra explicações nos contextos socioeconômicos e culturais nos quais engendram as narrativas.

No final do século XVIII, a aristocracia e o clero europeus, ao estarem apartados dos ideais propagados pelo Iluminismo, simbolizavam a decrepitude de sistema socioeconômico feudal diante do Século das Luzes.

POÉTICA GÓTICA E FANATISMO RELIGIOSO: UMA LEITURA D'O REINO
ENCANTADO, DE ARARIPE JÚNIOR

Corporificando, metaforicamente, os medos e as ansiedades iluministas, as classes aristocrata e clerical tornaram-se, assim, arautos dos horrores e terrores do romance gótico setecentista. No Brasil da primeira metade do século XIX, a aristocracia senhorial e os membros do Catolicismo eram, contudo, os representantes da ordem e do sistema socioeconômico vigente, o Regime Imperial. Os medos e as ansiedades não se consubstanciavam, *a priori*, em suas figuras, porém naquelas que constituíam ícones do caos: os escravos e aqueles que não seguiam a religião oficial.

Em *O Reino Encantado*, podemos perceber como o narrador se utilizou dessa dicotomia: o núcleo senhorial, branco e católico é, nitidamente, diferenciado do núcleo escravo, negro e sebastianista. Além da evidente distinção pautada nas origens étnicas e nas condições psicológicas das personagens, o enfoque dado às atitudes cruéis dos dois grupos muito se difere. As ações violentas e reprováveis do primeiro possuem descrição e narração atenuadas e encobertas, evitando-se demonstrar o lado obscuro e atroz da classe dominante. Caso memorável é a repreensão aos escravos infligida sob a ordem do fazendeiro Bernardo Vasconcelos. A descrição da cena ocorre parcamente – “[o] castigo foi bárbaro” (ARARIPE JUNIOR, 1878, p. 12) –, uma vez que o narrador afirma a impossibilidade de mostrar ao leitor o episódio. A Vasconcelos também desagrada assistir ao “repugnante espetáculo. Deu suas ordens ao vaqueiro e recolheu-se dentro de casa, mergulhado no mais profundo desconsolo” (ARARIPE JUNIOR, 1878, p. 12). Ao passo que o fazendeiro ordena o flagelo, o narrador atribui-lhe sentimentos nobres, pois demonstra sua aversão à parte dos horrores inerentes ao sistema escravocrata.

Por outro lado, a atenção dada à hediondez e à atrocidade das ações praticadas pelos escravos e sebastianistas percorre todo o romance. A truculência da invasão coordenada à fazenda de Vasconcelos, os diversos assassinatos, ritualísticos ou não, e os rituais cabalísticos, como o batismo com sangue bovino, são descritos minuciosamente, de forma a enfatizar a perversidade dos seguidores do sebastianismo. Obliterados pela “estúpida

POÉTICA GÓTICA E FANATISMO RELIGIOSO: UMA LEITURA D'O REINO
ENCANTADO, DE ARARIPE JÚNIOR

crença” (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 73) e pelo proselitismo do mandingueiro Frei Simão e do chefe da seita, João Ferreira, os sebastianistas constituíam, conforme o narrador, um perigoso ajuntamento de pessoas doentias e bárbaras que pervertiam a religião do Império e ameaçavam os fazendeiros. Entre os membros mais perversos do movimento, destacam-se o líder messiânico e Tibúrcio, uma vez que, ao perseguirem diretamente a heroína do romance, Maria, a filha de Bernardo Vasconcelos, o narrador confere-lhes algumas das convenções popularizadas pelas personagens vilanescas do Gótico. Semelhantes a elas, são eles os principais motivadores do terror e do horror da trama.

A composição do perfil de João Ferreira muito se assemelha a dos vilões góticos. Oriundo de uma classe social marginal, seu passado obscuro, repleto de “histórias sombrias” (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 89), evidencia a existência de “instintos carniceiros” (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 89) desde sua infância. Era considerado um assassino por natureza: “O desgraçado esfaqueava por fado, cedendo a uma irritação peculiar ao seu organismo, que o impelia constantemente (...) a praticar atrocidades inauditas” (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 90). Atribuindo a causas psicológicas a violência da personagem, o narrador e os membros da classe hegemônica o tomam como um louco, desvairado e sanguinário.

Naturalmente maligno, ao se tornar líder do movimento de Pedra Bonita, João Ferreira revela-nos como seu gênio mescla características dos tirânicos aristocratas com as dos dissimulados sacerdotes, os típicos vilões dos romances góticos setecentistas. No centro do poder da seita, ordenava, absoluto, ações condenadas pela Igreja e pelo Estado: permitia o casamento poligâmico, desvirginava noivas, batizava novos fiéis com sangue, promovia sacrifícios humanos etc. Após uma das cenas mais violentas do romance, o sacrifício de uma fanática, podemos vislumbrar a semelhança entre o líder messiânico e a personagem vilanesca do Gótico:

CASTRO (UERJ)¹, H. B.

Quando a multidão voltou de novo as vistas para a pedra do sacrifício viu o corpo da mísera a revolver-se num charco de sangue, e a cabeça, separada inteiramente do tronco, pendente, dos dedos do sacrificador, que impávido serpejava em torno da ara a borrifar o campo com as gotas rubras, que se escapavam daquilo que fora minutos antes um centro de vida e a morada de uma energia.

Não há palavras com que se pinte a expressão do rosto do malvado a contemplar o fruto de sua predica. Finda a aspensão elevou a cabeça inanimada à altura dos olhos, e, arregaçando os lábios num sorriso diabólico, fixou por um instante os globos outrora luzentes e agora embaciados pela morte por onde aquela infeliz menina transmitia os seus afetos.

Depois voltou-se para os adeptos e apresentou-lhes o troféu funerário, juntando ao movimento algumas palavras de exprobração.

Se é possível ter-se uma ideia do que era essa entidade sombria e vingativa que presidia a todas as preocupações do homem na Idade Média, tiveram-na os habitantes de *Pedra Bonita* naquela situação. (ARARIPE JUNIOR, 1878, p. 84)

Produzindo um quadro de extremo horror, descreve-se o prazer sádico experimentado por João Ferreira ao contemplar o resultado de sua obra. Para tal, o uso de estratégias narrativas encontradas na literatura gótica exerce papel fundamental. O emprego de palavras do campo semântico da hediondez – “malvado”, “morte”, “diabólico”, “entidade sombria e vingativa” – enfatiza o caráter ameaçador da personagem. Sua figura aproxima-se ainda à época medieval: como uma típica entidade maligna e sobrenatural que assombrava o homem da Idade Média, o líder da seita amedrontava seus seguidores. O vínculo ao passado medievo revela ainda seu atraso e descompasso – e, por extensão, dos demais sebastianistas – em relação à sociedade brasileira do século XIX.

Além de seu despotismo e violência, a descrição física de João Ferreira aproxima-o ao vilão gótico: possui olhos ameaçadores, dentes pontiagudos e cabelos desgrenhados. No episódio em que se depara com Maria, já raptada, podemos vislumbrar tal semelhança:

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

(...) João Ferreira, subjugado pela vertigem afrodisíaca, achegou-se dela [Maria]. Vendo-a naquele estado de provisória tranquilidade, o intitulado rei fulminou-lhe uns olhares de tigre prestes a empolgar a presa. Nas suas pupilas havia um quer que fosse de magnético, e de prazer satânico, igual ao que sente a cobra ao formar o bote para a inocente rolinha. As narinas se adelgaçaram, a belfa intumescida entreabriu-se e a língua rubra titilou sobre os dentes despontados.

Nisto um ligeiro estremecimento agitou os membros da menina e, como se já fosse influenciada pelo prestígio de João Ferreira, voltou-se para ele.

Apenas descobriu-o, saltou do leito hirta com todos os sintomas de um assombro mortal.

A presença do *Santidade* restitui-lhe todo o sentimento de realidade.

– Meu Deus! meu Deus! bradou a pobrezinha no auge da desesperação, com o olhar desvairado procurando quem a salvasse. (ARARIPE JUNIOR, 1878, p. 73-74, grifos do autor)

O acentuado desejo sexual do líder sebastianista domina-o inteiramente, conferindo-lhe caráter bestial e satânico. A associação entre características humanas e animais, em especial de animais letais, como o tigre e a cobra, sublinha sua figura amedrontadora, bruta e irracional. Enquanto João Ferreira assume o papel de um autêntico predador sedento, Maria, aos moldes das heroínas góticas, representa sua presa vulnerável e frágil. A reação de assombro manifestada pela menina acentua também a perversidade do fanático. O contraste entre ambas as personagens possibilita explicitar o maniqueísmo presente na obra: a luta entre o bem, a virtude – o núcleo senhorial e católico – e o mal, o vício – o núcleo escravo e sebastianista.

Maria sofre ainda perseguição de seu irmão de criação, Tibúrcio, que se alia aos adeptos do sebastianismo para se vingar de seu “pai”, Bernardo Vasconcelos, que o expulsara da fazenda por ameaçar a honra da filha. Nutrido por um intenso desejo libidinoso, Tibúrcio tenta, ao longo do romance, sequestrar Maria. Para ela, ele “era o monstro (...), o infame repellido da fazenda, o vingativo inimigo de seu pai, o autor de todas as desgraças que perseguia a família” (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 145). Tibúrcio coordena também a invasão à propriedade de Vasconcelos, situação na qual assassina, com requintes de crueldade, o noivo da heroína, Jaime, que convalescia:

O impiedoso [Tibúrcio], porém, atirando-se com um riso satânico sobre o leito em que o mísero [Jaime] jazia, travou-lhe dos pulsos e, calcando-lhe o joelho contra o peito, o abalou brutalmente como para fazê-lo voltar a si.

– Dize, miserável que roubavas-me o meu amor, o que fizeram de Maria? Fala ou morres...

Jaime, inconsciente, arregalava os olhos e lançava a vista estúpida para o espectro que o não largava.

– Anda... responde... Não estás vendo esta navalha que te há de pôr fim aos dias?

Todos os esforços eram inúteis. Tibúrcio dirigia-se a um cadáver. Não obstante, por suprassumo de crueldade, suas instâncias renovaram-se e ter-se-iam prolongado por mais tempo se um imenso clarão não viesse forçá-lo precipitar a cena.

Os perversos quilombolas tinham posto fogo à casa.

– Levanta-te, indigno, repetiu Tibúrcio. Ah! queres morrer torturado pelo fogo? Tinha que ver! Hás de acabar como a minha raiva o entende... Não falas?... pois perde a palavra por uma vez...

Foi esta a oração fúnebre que teve aquele moribundo!

A navalha afiada penetrou nas carnes, e a cabeça do desgraçado moço, quase separada do tronco, pendeu fora do leito. Um esguicho de sangue entretanto flagelara a face do malvado, ao passo que o corpo em convulsões medonhas estortegava entre os lençóis que se tingiam de vermelho.

CASTRO (UERJ)¹, H. B.

Aterrado pelo imprevisto da própria obra, Tibúrcio, cuja vítima na agonia extrema cobrira-lhe o rosto de uma máscara sanguínea, atirou-se para longe do quarto com um semblante tão horroroso, que encheu de susto aos próprios camaradas. (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 40)

O crime apenas confirma a grande crueldade do enjeitado que, como um vilão gótico, pratica nefandas atitudes para consumir seu desejo, de certa forma, incestuoso. Ao assassinar um homem indefeso, que tentava se recuperar das sequelas provocadas, anteriormente, pelos sebastianistas, Tibúrcio ultrapassa os limites civilizatórios e, semelhante a João Ferreira, transforma-se na manifestação do mal. A ênfase dada ao sangue que cobre o vilão enfatiza sua ameaça: sua fisionomia temível torna-se repulsiva, amedrontando os próprios companheiros.

Diferente da maioria dos indivíduos que vivia em Pedra Bonita, considerado um quilombo² pelo narrador, o irmão de Maria era branco. Apesar de reconhecer que pratica más ações, ele atribui o afloramento de sua perversidade ao contato que teve com o líder religioso da seita, o mandingueiro Frei Simão, “que pertencia à raça africana” (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 7). A narrativa compartilha, então, dos postulados deterministas da época, afirmando, em diversas passagens, que o movimento messiânico resultava da disposição psicológica degenerada dos sebastianistas, que eram, majoritariamente, negros e mestiços. Há mesmo um capítulo, “Explicações”, destinado apenas a elucidar os motivos da formação da seita. Nele, o narrador declara que os acontecimentos de Pedra do Reino foram “aberrações do espírito humano” (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 85) resultantes de uma “loucura epidêmica” (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 85). Segundo a teoria defendida, a disposição psicológica ao

² O povoado de Pedra Bonita, diferente do que afirma o narrador de *O Reino Encantado: crônica sebastianista*, não constituiu, de fato, uma comunidade quilombola. Leite (1898) e Queiroz (2003) não afirmam que as pessoas reunidas pela seita eram, peremptoriamente, escravos e ex-escravos. Os pesquisadores declaram, porém, que se tratava de sertanejos pertencentes, principalmente, às últimas camadas sociais. O agrupamento de pessoas que ocorreu de 1836 a 1838, na antiga comarca de Pajeú, Flores, foi, sobretudo, um movimento sociorreligioso de cunho messiânico.

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP) São José do Rio Preto, SP - Brasil, 2017.

CASTRO (UERJ)¹, H. B.

fanatismo não se justificaria apenas devido ao fato de os sebastianistas serem “criaturas brancas, sem instruções” (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 85), mas principalmente devido a neuroses e tendências naturais para doenças mentais, agravadas pelo clima semiárido do sertão nordestino:

Não são raros fatos semelhantes ao de *Pedra Bonita* e muito menos impossíveis em um clima tórrido, equatorial, onde a muita luz e a intensidade do calor produzem a irritação do sistema nervoso e na formação dos temperamentos propendem sempre para a exageração de certas funções mentais.

Não. Os deslumbramentos contínuos; a demasiada dilatação da alma abismam aí o homem no indefinível e maravilhoso. Surgem então (...) ao pobre sertanejo, ao escravo oprimido, ao mísero lavrador, desgraçadas atonias, desvairamentos cruéis que os perdem se não os acode o influxo de uma crença sólida. (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 85)

João Ferreira, Tibúrcio e os demais membros de *Pedra Bonita* seriam, portanto, vítimas de distúrbios psicológicos, de um delírio epidêmico, o que os levou a praticarem nefandas e sombrias ações. Ao sabor do discurso determinista, sua propensão natural a superstições e a perversidades, acentuada pelo clima da região, seria justamente a causa dos horrores da narrativa. Apesar de vítimas de suas condições psíquicas, o romance, ao enfatizar a crueldade e a insanidade dos ritos sebasticos, atribui-lhes aspectos de verdadeiros algozes góticos. Os membros da família de Vasconcelos, por outro lado, sofrendo as consequências provocadas pela seita – a destruição da fazenda, as privações de Clemência, esposa de Bernardo, a perturbação mental de Maria – têm sua virtude reafirmada, semelhante ao que ocorre aos heróis dos romances góticos setecentistas. Se nestes a aristocracia e o clero, adversos aos ideais iluministas, encontram a derrota, no romance de Araripe Júnior, são os escravos fugidos e os sebastianistas, contrários ao Império e à religião oficial, que se deparam com o fracasso enquanto os valores imperiais e católicos triunfam.

POÉTICA GÓTICA E FANATISMO RELIGIOSO: UMA LEITURA D'O REINO
ENCANTADO, DE ARARIPE JÚNIOR

Mesclando ficção e história, *O Reino Encantado* não apenas narra “o mais trágico dos movimentos messiânicos brasileiros” (QUEIROZ, 2003, p. 222), mas também evidencia a forma como a elite oitocentista do país enxergava essas manifestações religiosas: sob premissas deterministas, considerava-as como práticas de paganismo e/ou deturpações da crença católica, promovidas por pessoas inferiores racial e psicologicamente. Tomando esse partido, João Ferreira, Tibúrcio e os sebastianistas são descritos como loucos supersticiosos que praticam violentas ações para subverter a ordem social vigente. Traçando um paralelo, são os vilões góticos que perseguem a heroína, a sinhazinha Maria, a fim de concretizar suas ambições.

CASTRO, H. B. Poética gótica e fanatismo religioso: uma leitura d'O Reino Encantado, de Araripe Júnior. Título do trabalho. Mosaico. São José do Rio Preto, v. 16, n. 1, p. 189-209, 2017.

**GOTHIC POETICS AND RELIGIOUS FANATICISM: A
READING OF O REINO ENCANTADO, BY ARARIPE JÚNIOR**

ABSTRACT: Gothic poetics is, above all, a modern phenomenon. Emerged in the Enlightenment British, instigating passions of astonishment and terror, it was projected to others countries and times. In the Brazilian literature, some Gothic *topoi* are found, mainly, in narratives that are located at rural and country areas. In *O Reino Encantado: crônica sebastianista*, the narrator, as this paper will analyze, assigns some Gothic villains' aspects to the Sebastianist characters.

KEYWORDS: gothic poetics; Brazilian literature; Sebastianism.

Referências Bibliográficas

ARARIPE, Tristão de Alencar. “Carta”. In: LEITE, Antonio Attico de Souza. *Fanatismo Religioso: Memória sobre o Reino Encantado na Comarca de Vila Bela*. 2. ed. Juiz de Fora: Tipografia Mattoso, 1898. p. 7-14.

CASTRO (UERJ)¹, H. B.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *O Reino Encantado: crônica sebastianista*. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de Notícias, 1878.

BARROSO, Gustavo. *Heróis e bandidos (os cangaceiros de Nordeste)*. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1917.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FREYRE, Gilberto. *Assombrações do Recife Velho*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

LEITE, Antonio Attico de Souza. *Fanatismo Religioso: Memória sobre o Reino Encantado na Comarca de Vila Bela*. 2. ed. Juiz de Fora: Tipografia Mattoso, 1898.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *Velha Praga? Regionalismo literário brasileiro*. In. PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994. p. 665-702.

LOBATO, Monteiro. *Os negros*. In. *Contos Completos*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014. p. 387-417.

MENON, Mauricio César. *Figurações do gótico e de seus desmembramentos na literatura brasileira; de 1843 a 1932*. Londrina, Paraná, 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Londrina. 261 f.

O D. SEBASTIÃO dos Feiticeiros Absolutistas. *Bemtevi*, Maranhão, n. 16, ago., 1838, p. 61.

O NOVO REINO do Rei João Antonio, e companhia. *O Carapuceiro*, n. 40, jun., 1838, p. 2.

PAZ, Francisco Barbosa Nogueira. Prefeitura da Comarca de Flores. *Diário de Pernambuco*, Recife, n. 129, jun., 1838, p. 2.

PUNTER, David. *The literature of terror: a history of gothic fictions from 1765 to the present day*. London: Longman, 1996.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no mundo*. 3. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 2003.

RODRIGUES, Raimundo Nina (2006). *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial.

STAËL, Mme de. *Sobre as literaturas do norte e do meio dia*. In: SOUZA, Roberto Acízelo de (Org.). *Uma ideia moderna de literatura: textos seminais para os estudos literários (1666-1922)*. Argos: Rio de Janeiro, 2011. p. 81-83.

STEVENS, David. *The Gothic Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TÁVORA, Franklin. *O Cabeleira*. São Paulo: Editora Três, 1973.